



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Pedidos de trégua ignorados

ISRAEL SEGUE OFENSIVA NA FAIXA DE GAZA A DESPEITO DA PRESSÃO DOS EUA POR UM CESSAR-FOGO PARA AJUDA A CIVIS E DO ACIRRAMENTO DA CRISE COM PAÍSES VIZINHOS

Às vésperas de completar um mês do ataque protagonizado pelo Hamas ao sul do seu território, Israel não dá sinais de que vai abrandar a contraofensiva na Faixa de Gaza. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu segue ignorando os apelos por “pausas humanitárias”, protagonizados pelos Estados Unidos, um dos seus principais parceiros, e intensifica as investidas ao enclave por terra, água e ar, a despeito do acirramento da tensão com países vizinhos.

Pela primeira vez desde o início da guerra, o chefe do Estado-Maior israelense, Herzi Halevi, esteve com as suas tropas dentro da Faixa de Gaza — imagens da visita foram transmitidas pelos canais de televisão israelense. O Ministério da Defesa do país prometeu que a ofensiva permitirá “encontrar e eliminar” Yahya Sinwar, líder do movimento islamista no enclave.

Líderes árabes temem que a guerra se espalhe pela região. Em uma reunião ontem, em Amã, com o chefe da diplomacia dos Estados Unidos, Antony Blinken, eles pressionaram por um cessar-fogo imediato na ofensiva militar israelense. A medida, porém, não conta com o apoio de Washington, que avalia que ela poderia dar forças ao Hamas. Na conversa com seus pares

AFP



Fronteira israelense com a Faixa de Gaza: premiação condicional “trégua temporária” à libertação dos reféns

da Arábia Saudita, Catar, Egito, Emirados Árabes Unidos e Jordânia, Blinken reiterou a necessidade da implementação de

“pausas humanitárias” para distribuir ajuda aos civis palestinos. Israel, porém, não concorda com a proposta. Um dia antes de

chegar à capital jordaniana, Blinken havia se reunido com Netanyahu, que rejeitou qualquer “trégua temporária” sem a libertação

dos reféns sequestrados pelo Hamas. O ministro das Relações Exteriores da Jordânia, Ayman Al Safadi, instou todas as partes a trabalharem juntas para “evitar uma catástrofe que perseguirá a região por gerações”.

Hoje, o chefe da diplomacia americana desembarca na Turquia, onde também deverá ouvir fortes críticas acerca da ofensiva em Gaza. O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, decidiu retirar o seu embaixador em Israel e anunciou que cortará todo o contato com o primeiro-ministro israelense. “Netanyahu já não é mais alguém com quem possamos falar”, declarou. “Não há nenhum outro Estado cujo exército se comporta com tanta desumanidade”, completou.

Protestos

Fora da região, seguem os protestos contra a ofensiva em Gaza. Milhares de pessoas protestaram em diversas cidades do mundo, como Londres, Paris, Berlim e Washington, para denunciar os bombardeios à população civil no enclave. O ataque contra um comboio de ambulâncias ocorrido na sexta-feira foi lembrado por vários manifestantes.

O bombardeio também gerou condenações internacionais

e preocupações com a segurança dos profissionais de saúde. “As imagens dos corpos espalhados nas ruas do lado de fora do hospital são angustiantes”, reagiu o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres. A coordenadora de Assuntos Humanitários da ONU para os territórios palestinos, Lynn Hastings, declarou-se “alarmada” por uma operação dirigida contra “pacientes que estavam sendo evacuados” para lugares seguros.

O ataque com mísseis aconteceu em frente ao Hospital Al-Shifa de Gaza, onde estavam pessoas que se refugiavam dos bombardeios. O Hamas afirmou que os veículos estavam evacuando pacientes para o Egito por meio do posto de Rafah, o único acesso da Faixa de Gaza que não é controlado por Israel. As Forças de Defesa israelense, por sua vez, garantiram que a ambulância era usada “por uma célula terrorista”.

Segundo um balanço do Hamas confirmado pela Meia-Lua Vermelha Palestina, o bombardeio deixou 15 mortos e 60 feridos. Também de acordo com o grupo, desde o começo da guerra, o confronto soma ao menos 9.500 mortos, incluindo 3.900 crianças. O Hamas governa o território palestino de 362 quilômetros quadrados e 2,4 milhões de habitantes desde 2007.

ÁSIA

Terremoto no Nepal deixa mais de 150 mortos

Um terremoto de magnitude 5,6 no oeste do Nepal resultou na morte de ao menos 157 pessoas e 184 feridos. O tremor, ocorrido na noite de sexta-feira, sacudiu dois distritos remotos do país — Rukum West Jajarkot. A vibração foi sentida na capital da Índia, Nova Délhi, que fica a quase

500 quilômetros do epicentro. Vídeos e fotos postados nas redes sociais mostram moradores escavando os destroços de edifícios recém-destruídos em busca de sobreviventes.

O governo mobilizou as forças de segurança para ajudar nas operações de resgate, segundo o

porta-voz do Ministério do Interior, Narayan Prasad Bhattarai. O primeiro-ministro nepalês, Pushpa Kamal, expressou “profundo pesar pelo dano humano e material causado pelo terremoto”.

Nepal está localizado em uma importante falha geológica. A placa tectônica indiana empurra

para cima a placa euroasiática, formando o Himalaia, o que faz com que os tremores sejam comuns na região. Em 2015, quase 9 mil pessoas morreram no país em decorrência de um terremoto de magnitude 7,8. Na ocasião, mais de meio milhão de residências foram destruídas.

AFP



Jajarkot é um dos distritos atingidos: tremor foi sentido a 500km

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

INIMIGOS DECLARADOS, AMIGOS VALOROSOS

Se o mundo não sente angústia por infortúnios passados, não é porque aquilo passou, mas, sim, porque algo pode ainda vir a acontecer. O que passou definitivamente, se não gerar arrependimento, continua presente, e a culpa é uma possibilidade de ter que suportar eternamente o castigo. O relativismo moral do mundo atual fez o tempo das distinções e do discernimento passar, e a humanidade sofre mais por isso. Não há mais terra firme, a confusão anda a todo vapor.

Nenhuma habilidade no uso da opinião esconde a verdade sobre a barbaridade de uma guerra entre povos e nações. Mas, diante do terror, é um insulto procurar explicação. Esse é um caso limite

e fatal em que a inteligência não pode ser o oásis da autoestima. Não se compra a versão do terror no mercado da liberdade. Frente ao terror, as contemporizações da sensibilidade, as ponderações elevadas sobre a origem e a culpa pelos seus atos, conduzem seus porta-vozes a mais desmoralização do que influência — pregam no deserto com uma eficácia limitada e, normalmente, uma extraordinária negligência de ação. Sem quebrar a insolência do terrorismo em se apropriar da causa dos palestinos — e querer desadmirar Israel pela resistência e combate que faz ao terror — enfraquece a causa da paz.

Quando o filósofo Jean-Paul Sartre criou o grupo Socialismo e

liberdade para organizar a resistência da França contra a ocupação nazista, convidou o escritor André Malraux para se unir a eles. Mudou a forma de agir quando ouviu do grande humanista e futuro ministro da Cultura de Charles De Gaulle: “O que precisamos para combater Hitler são tanques russos e aviões americanos, não um grupo de intelectuais bem-intencionados.” Só quando as nações democráticas se uniram contra o terror, os Aliados puseram fim à Segunda Guerra Mundial.

Mas será que o mal que habita a mente dos fanáticos acabou? Há, é certo, diferentes gradações do mal, e o terror sabe que a legítima defesa produz suas próprias leis. Quando grupos políticos fanáticos se perdem nas trevas de suas certezas absolutas, tentando se colocar acima de tudo, revelam mesmo é que não estão à altura de nada que possa produzir beleza, alegria e dar a

princípios e valores um sentido prático que sirva a maioria. Suas ações bem significam um esconderijo de suas intenções totalitárias. Nada do que fazem tem a ver com criatividade dos novos valores. São antes sanguinolenta publicidade comercial de interesses simplificados por ações paramilitares criminosas contra inocentes e slogans políticos que falam de obscuras noções de liberdade e autodeterminação.

Quem tem fé na possibilidade de algo de bom nas pessoas não passa a mão na cabeça do fanático. Falar do terror é falar de uma ferida da alma que despreza o corpo. Antes de decidir é melhor distinguir. Líder, movimento, grupo que se acha perfeito têm a obrigação de ultrapassar sua espécie particular de perfeição. O terrorismo não é grandioso, criativo, generoso, nem da estirpe do corajoso. É depreciativo e vil ao atacar inocentes, produzir seus estragos

especialmente se valendo de uma comunidade internacional de países de rédeas frouxas, desacostumado ao respeito por acordos e tratados, que arrasta pelo chão noções de soberania territorial e viola a paz de todos como se as nações fossem sem donos. A enfermidade da alma de um autoritário ameaça a sanidade do corpo e busca triunfar sobre pessoas desarmadas, desvinculadas de lealdades políticas para abatê-las e deploravelmente usá-las para propagação do terror.

Quando o mau desfralda a bandeira dos bons, aguarde a ruína de nossa época. Qual o sistema político formulado por um fanático? Somente um, o do fanatismo. Quanto mais isolado internamente, espalha pelo mundo a escaramuça que mais interessa ao terror, que é aumentar seus aliados externos e envolver o interesse das nações em tirar proveito da dor

dos outros. E vai além ao colocar dúvida sobre os alicerces da civilização, especialmente a razão, a liberdade, democracia e os direitos humanos. Expande sua descrença e seus preconceitos sobre a possibilidade da convivência harmoniosa entre os povos.

Lembra versos do ex-primeiro-ministro inglês George Canning (1770 - 1827): *Dê-me um inimigo declarado, ereto, valeroso. Posso enfrentá-lo com bravura, talvez responder ao golpe. Mas, Deus meu, de todas as pragas que tua cólera pode enviar, Salva-me, salva-me, oh Deus, salva-me da deslealdade do amigo. A pior das doenças da política é abandonar princípios na hora das grandes decisões. É quando líderes vacilam e se lavam das convicções vestindo a roupa do interesse e da ambição bordada com implicações morais.*

PAULO DELGADO, sociólogo